

Laudo aponta esterilidade em solo por contaminação de rejeitos da Vale



Os resultados de um laudo pericial da Prefeitura de Betim, feito com base em análises químicas e de sondagem da lama densa que veio à tona do rio Paraopeba durante as chuvas intensas de janeiro deste ano, mostram que esse sedimento contém índices de metais em concentrações muito acima das encontradas no solo natural da região, o que viola as diretrizes ambientais do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) e do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), já que alteraram a qualidade do solo, deixando o terreno estéril e contaminado.

Entre os elementos químicos identificados na análise, realizada por um laboratório contratado pelo município, estão manganês, ferro, alumínio, boro, antimônio e arsênio - as amostras foram coletadas por uma empresa de sondagem em seis pontos ao longo de 30 km de extensão do rio Paraopeba onde a lama foi depositada em Betim.

A maior violação ao limite de classe dos metais foi observada no ponto de sondagem quatro, em que as substâncias alumínio, arsênio, boro, ferro e manganês foram encontradas em variações de 100% até 1.150% maiores do que a encontrada no solo natural da região.

Relação com a tragédia

O laudo aponta ainda que a lama coletada possui elementos químicos semelhantes aos que foram despejados na tragédia ambiental provocada pelo vazamento de rejeitos da barragem da mina de Córrego do Feijão, da Vale, em Brumadinho, em 2019, classificado pela própria mineradora como classe IIA - não inerte. Materiais com essa classificação podem apresentar propriedades solúveis e de carreamento (que escorre em enxurradas quando chove de forma intensa) na água, que podem poluir o solo, os rios e a atmosfera.

“O laudo atesta cientificamente o que é possível enxergar a olho nu, ou seja, a lama trazida pelas chuvas promoveu a degradação do solo, o que impacta diretamente a qualidade de vida das pessoas. Não sabemos os efeitos disso, visto que as amostras apontam que a lama é um resíduo classe IIA - não inerte, que pode causar reação química. Isso demonstra que esse material que ficou sedimentado no leito do rio e que invadiu as casas próximas ao Paraopeba precisa ser retirado de lá e destinado corretamente para um aterro”, cobra o secretário de Meio Ambiente de Betim, Ednard Tolomeu.

O gestor salienta também que “esses metais causaram danos ambientais irreparáveis ao meio ambiente em Betim e pontua que, se entrarem em contato com os seres humanos, podem ser reativos, ou seja, prejudicar e trazer riscos à saúde humana”, afirma Tolomeu.

Panorama da destruição

Para mensurar o tamanho da destruição causada pelo mar de lama, os agentes ambientais da

Divisão de Fiscalização Ambiental de Betim fizeram 7.594 registros fotográficos aéreos em alta resolução, por meio de um drone, que mostraram que 2,475 milhões de m² de área (o que equivale a 247 campos de futebol oficiais iguais ao do Estádio do Mineirão) ao longo dos 30 km da calha do rio Paraopeba foram impactados. Já o volume total de lama encontrada na região foi de 2,144 milhões de m³.

Ação reparatória

Especialistas ouvidos pela reportagem estimam um valor de R\$ 13, 6 bilhões a ser cobrado da Vale por danos ambientais, conforme resultados apontados por laudo pericial elaborado por servidores efetivos, que, como tal, possuem fé pública e são habilitados para esse tipo de estudo. Para chegar a esse montante, os especialistas usaram a metodologia adotada pelo Ministério Público de Defesa do Meio Ambiente.

Diante disso, o município pretende ajuizar uma ação de reparações ambiental, moral e material contra a Vale, mas ainda estuda o valor mais adequado para propor como ressarcimento. “O laudo comprova que a lama potencializou as enchentes, contaminou o solo e gerou danos morais e materiais aos moradores. Estamos analisando os números para chegar a um consenso”, diz o procurador-geral de Betim, Bruno Cypriano.

Por meio de nota, a Vale esclarece que, até o momento, pelas análises técnicas realizadas, não é possível constatar vinculação entre o rompimento da barragem B1, em Brumadinho, e os impactos dos alagamentos na bacia do Paraopeba, causados pelo extraordinário volume de chuvas.

“Em caráter humanitário, logo após as enchentes, a empresa atendeu a diversas solicitações de prefeituras da bacia do Paraopeba, além de entregar mais de 480 mil litros de água, além de cestas básicas, produtos de limpeza, higiene pessoal, colchões e EPIs”, declara na nota.

